



A PRÁTICA DE ENSINO E A FORMAÇÃO DOCENTE

Mayan Maharish¹, Ivanilde Soalheiro de Freitas², Valmir Ferreira³

¹Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri/mayan.maharishi@gmail.com

²Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri/hylsoalheiro@hotmail.com

³Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri/valmirferreira980@yahoo.com.br

Resumo: O objetivo deste artigo é fazer um painel da Atividade de Prática de Ensino, realizada dentro do período de Tempo Comunidade da Licenciatura em Educação do Campo - LEC, na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri-UFVJM. Tal pesquisa se deu a partir das reflexões sobre as contribuições e desafios enfrentados pelos estudantes de Linguagens e Códigos, que estão no último período do curso, frente às atividades realizadas em alternância na Prática de Ensino que reuniram alunos e alunas de diferentes módulos em diferentes polos nas comunidades dos discentes, durante os quatro anos de graduação.

Palavras-chave: Desafios, práticas de ensino, metodologia, educação do campo.

1. Introdução:

Esse artigo apresenta uma reflexão acerca das práticas de ensino do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEC) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), na perspectiva dos estudantes da área de Linguagens e Códigos que estão concluindo sua formação ao final de 2017. A LEC se define como um curso de formação docente voltado para a formação de educadores do campo em regime de alternância, com aulas presenciais nos períodos de janeiro e julho. Tal período é definido como Tempo Universidade (TU). Entre esses períodos acontece o período do Tempo Comunidade (TC), nos quais os discentes se envolvem com estudos e no qual acontecem os encontros presenciais em polos distintos. Alves (2001, p. 40) julga indispensável que:

[...] durante seu preparo, o futuro professor se capacite para, em sua prática docente, compreender o universo cultural do aluno, a fim de que, juntos, a partir do que conhecem, venham a se debruçar sobre os desafios que o mundo lhes apresenta, procurando respondê-los, e nesse esforço, produzam novos saberes.



Sendo assim, as práticas de ensino são de extrema relevância na formação docente, uma vez que possibilitam ao discente o contato próximo com sua prática como educador. No entanto, há de se convir que deva ser bem elaborada e bem desenvolvida para que seu caráter formativo seja atendido, viabilizando o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes somando ao crescimento profissional e pessoal de cada um, visto que "ajudam a construir o habitus, não em circuito fechado, mas 'a medida de uma interação entre a experiência, a tomada de consciência, a discussão, o envolvimento em novas situações." (PERRENOUD, 1993, 109).

Tivemos experiência de sete práticas de ensino em lugares distintos, com públicos e elaborações diferentes. Durante esse período, fizemos reflexões do processo de aprendizagem da teoria sobre a prática. Em relação às práticas realizadas nos quatro anos de formação da área de Linguagens e Códigos do curso da LEC da UFVJM os alunos foram entrevistados e alguns apontamentos foram levantados. A pesquisa utilizou como método de investigação um questionário qualitativo semiestruturado, o método de análise utilizado foi análise de conteúdo de Bardin (2011).

Em relação aos apontamentos levantados constatou-se que as Práticas de Ensino sofreram alterações significativas ao longo dos módulos em alguns polos. Foi recorrente nos relatos ouvir que antes as Práticas eram muito "falatório", e muito expositivo, com pouca participação dos estudantes.

2. Dos Fatos

Constatou-se que ao longo do tempo as Práticas de Ensino se tornaram mais importantes e dialógicas, possibilitando outras maneiras de aprendizagem, muitas vezes até mais válidas. Porém, outro ponto significativo foi a percepção de parte dos entrevistados que viram nos polos em que realizaram as Práticas pouca ou nenhuma mudança. Em virtude disso, eles qualificaram as Práticas de Ensino como um formato no qual as atividades ainda são muito impostas, sendo assim, os discentes acreditam que esse formato não contribui para a sua formação e o definem como pouco produtivo. Podemos observar algumas percepções nos exemplos do quadro



01, quando perguntados sobre se houveram mudanças nas Práticas de Ensino durante a formação nas Linguagens e Códigos:

Quadro 01 – Opinião sobre as Práticas de ensino no processo de formação

Informante A	Para mim as práticas continuam do mesmo, imposta. Sempre igual.
Informante B	Sim, a forma como as práticas foram conduzidas se modificaram, nas primeiras, não eram contempladas a participação direta dos estudantes, era o professor falando e a gente ouvindo, no entanto, esse quadro mudou e nós estudantes, passamos a ser protagonistas no processo, apesar de já vir um parâmetro a ser seguido, tivemos a oportunidade de concretizar algumas propostas, tal como a produção de oficinas e outras atividades nas quais nós desenvolvemos.
Informante C	Sim, a partir dos primeiros módulos vivenciados, foram detectados alguns pontos que poderiam ser melhorados, como os temas da prática, as formas de desenvolver a prática, uma única orientação para todos os polos. Acredito que a cada prática tem melhorado, mas há pontos relevantes que precisam melhorar.

Fonte: Produzido pelos autores.

Analisando as entrevistas conseguimos perceber que as Práticas de Ensino nem sempre são iguais e que o formato e maneira com que são executados podem ser diferentes de acordo com os Polos. Com isso, o fato de ser Prática de Ensino da LEC, e em alternância, não garante a mesma forma de ação em todos os polos.

Ao longo das entrevistas isso se confirma em outros momentos, por exemplo, quando as (os) alunas(os) são perguntadas(os) sobre a contemplação da área de Linguagens e Códigos nas atividades de Práticas de Ensino. Parte das(os) entrevistadas(os) relatam que sim a área foi contemplada, mas outros dizem que não e apontam que no polo em que fizeram sua práticas a área de Ciência da Natureza foi mais valorizada. Ouvimos também relatos em que considerava-se o contrário que a área de Linguagens foi inclusive privilegiada no polo de alguns estudantes. Podemos verificar o exposto em alguns exemplos no quadro 02, a seguir

Quadro 02 – Opinião sobre a área contemplada no processo de formação

Informante A	Sim, em todas elas percebi que se dialogava com o que estudamos na L. C. Inclusive no meu polo acredito que a Ciências da Natureza foi muito pouco contemplada, sugiro que haja um balanceamento das 2 áreas nos polos, já que geralmente temos neles estudantes das 2 áreas.
Informante B	Só na produção dos textos.
Informante C	Com certeza a prática dialoga com tudo que estudamos na nossa área de linguagens e códigos, pois é na prática de ensino que a todo momento escrevemos textos, compartilhamos ideias.”



Informante D	Em poucos momentos.
Informante E	Tivemos quase tudo ligado a CN.

Fonte: Produzido pelos autores.

Um dos principais pontos positivos de contribuições das Práticas de Ensino de acordo com as pessoas entrevistadas(os) foi o fato das Práticas proporcionarem um contato direto com Comunidade dos estudantes. Além disso, outro fato apontado como positivo foi o de proporcionar aos estudantes oportunidade de conhecer as comunidades dos colegas de curso. Outra questão relevante apontada pelos estudantes é que as comunidades a partir de algumas ações das Práticas de Ensino se sentiram mais valorizadas, tiveram reconhecimento do que faziam, foram incluídas e isso gerou uma grande satisfação tanto dos educandos quanto dos moradores da comunidade. Quanto ao tema Pedagogia da Alternância, polos e valorização das comunidades, podemos perceber a importância dessas temáticas em algumas falas no quadro 03, a seguir:

Quadro 03 – Opinião sobre as Práticas de ensino no processo de formação

Informante A	Sim. Acredito que foi muito bom, porque nos possibilita conhecer as comunidades dos nossos colegas e vivenciar a realidade de cada um.
Informante B	Penso que a prática, além de unir o aluno por polo, área, contribui para a união e fortalecimento dos alunos por comunidade e região.
Informante C	Vejo a alternância como algo positivo sim, pois dá oportunidade pra quem não pode estar presente da forma regular dentro de uma sala de aula para estudar.
Informante D	Várias vivência importante como a emoção da comunidade ao ser homenageados com a biografia. E em vários momentos quando nós sentimos a comunidade contando sua própria história ou seja a valorização dos autores da comunidade que recebe a prática de ensino.

Fonte: Produzido pelos autores.

As atividades diferenciadas foram apontadas como as mais interessantes e importantes, pois fogem da lógica de educação bancária, permitem uma formação mais crítica, contextualizada e participativa. É percebida pelas(os) estudantes como um formato que cumpre com mais proximidade os objetivos da educação do campo e das Práticas de Ensino.

Segundo Freire (1996, p. 72):

Em verdade, não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a



contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo. É através deste que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando, não mais educando do educador, mas educador-educando com educando educador. Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa.

Quando perguntadas(os) sobre o modelo de Alternância todos os apontamentos foram positivos, com destaque para as possibilidades de estudar independente de estar perto da universidade ou ter que se mudar para outra cidade. Foi também relatado por alguns, a relação que se mantém com a comunidade. Um fato interessante relatado é que foi considerado que com a alternância há maior proximidade entre os estudantes.

Quanto aos desafios alguns relatos apontam a dificuldade de deslocamento como fator dificultador. Outros relatos mostram que a partir do momento em que a Prática começou a ser cobrada de maneira quantitativa, com pontuação, isso prejudicou a forma mais orgânica de participação dos estudantes e dos métodos qualitativos de avaliação. Outra dificuldade muito recorrente foi a de como o educador ou educadora que é o mediador das Práticas faz uma grande diferença.

Houve relatos de momentos negativos pela forma de atuação do educador/mediador de alguns polos. Não se sabe se por não compreender o propósito das Práticas, ou por trabalharem de maneira muito formal. Em virtude disso, os discentes não se sentiram confortáveis e pensam que dessa maneira tiveram prejuízos na aprendizagem que o objetivo da prática não foi cumprido, por ser diretiva, conteudista e fora do contexto. A seguir podemos verificar na fala de alguns entrevistados alguns apontamentos em relação às dificuldades:

Quadro 04 – Opinião sobre as dificuldades no processo de formação

Informante A	O formato e o mesmo tudo imposto.
Informante B	Os deslocamentos e a imposição de ter que estar presente.
Informante C	Fazer na prática os debates da área, sendo ela completamente teórica.
Informante D	A primeira prática de ensino, foi a mais desafiadora e o professor, não tinha propriedade de qual era o objetivo da prática e de como ajudar o estudante.
Informante E	Sugeriria uma melhor preparação do professor para ir ao encontro da prática, pois os alunos precisam de um professor bem instruído para que a prática tenha melhores resultados e consiga atingir seus objetivos.
Informante F	Os professores que foram na nossa prática de ensino contemplaram nossas



	ideias, porém acho desnecessário que a gente fique em um ambiente dois dias sendo que conseguimos resolver tudo em um único dia.
--	--

Fonte: Produzido pelos autores.

3. Conclusão

De acordo com as respostas obtidas nos questionários aplicados e considerando as experiências vivenciadas e relatadas pelos estudantes, percebemos que a Prática de Ensino precisa ser melhorada em alguns aspectos, tais como uma melhor organização do tempo e na proposta em si, que seja mais objetiva, dinâmica, produtiva e relevante para a formação dos discentes. O papel norteador da prática de ensino é o de fazer a junção do aprendizado entre os períodos do Tempo Comunidade e Universidade, uma vez que tais atividades são realizadas em espaços e tempos diferentes, porém dando continuidade ao processo de aprendizagem, iniciado dentro do espaço físico da universidade.

Portanto, cabe a cada um dos envolvidos no processo, transformar esses momentos não só em uma etapa de aprendizagem, mas em uma troca ampla de conhecimento fazendo com que essa prática seja relevante, dialógica e significativa, para que possa, de fato, contribuir com nossas vivências e práticas dentro das comunidades nas quais vivemos e estamos inseridos.

Referências

ALVES, Nilda (org). **Formação de professores: pensar e fazer**. São Paulo: Cortez, 2001.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

PERRENOUD, P. "A formação dos professores ou a ilusão do " deus ex-machina" reflexões sobre as relações entre o "habitus" e a prática" in PERRENOUD,P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.